

OBJETOS E OBJETIVOS (e a dimensão normativa da política ontológica)

Os objetos são coisas manipuladas na prática. Se entendemos a coisa dessa forma, a realidade se multiplica. (MOL, 2002). Não são portanto limpos, nem tem propriedades pré-estabelecidas; são objetos instáveis, como todo objeto apreendido em sua em processualidade, antes de se fechar a caixa-preta ou depois de reabri-la.

Esta pesquisa não procurou, a princípio, voluntariamente, abrir nenhuma caixa-preta; no entanto, pode-se dizer que talvez '*abrir a caixa-preta do que é dado como psi*' seja a melhor definição do objetivo de tal pesquisa, ainda que menos que devido a tal prévia definição do que à característica de toda narrativa etnográfica que se preze, de *ir acontecendo*. E, sobretudo, porque não escolhemos abrir caixa-alguma-de-pandora, mas porque ela nos veio aberta: interpôs-se a psicologia¹, de várias formas e de várias formas encenada, pois, era nada mais senão diversas práticas de manipulações de objetos psíquicos plurais características à formação acadêmica. Pode-se dizer em suma que “o psi” fulgura verdadeiramente em furta-cor e coube a nós não só o acompanhamento dessa multiplicidade como também experimentá-los a cada passo.²

METODOLOGIA (antropologia simétrica e tubo de ensaio)

Procuramos prestar atenção às diversas formas como a psicologia é performada principalmente no âmbito acadêmico (mas não só). Procuramos também estabelecer perguntas interessantes a este 'campo/objeto/cultura' de modo que este trabalho tenha sido pensado não exatamente dentro de só um referencial teórico, mas mais precisamente como um processo de experimentação de referenciais teóricos, epistemologias, métodos, análises de implicação, perguntas interessantes, heranças, etc, efetuados em uma combinatória “dança das cadeiras”, por sua vez só planificável em termos de uma quase-cartográfica-praxiológica-descrição-da-rede do pluriverso psi. A confusão (e a profusão!) dos elementos é característica a ser respeitada, aliás, a ser mantida em primeiro plano, à medida que acompanhamos uma psi em formação e, antes de se fechar a controvérsia, não sabemos a priori o que corresponde a cada posição, por isso a atitude de 'polidez ao travar conhecimento' (Despret apud ARENDT, 2007). Por outro lado, tal empirismo radical ocupando a posição de '*framework*' (ainda que por sua negatividade) não é suficiente para condensar todas as nossas pretensões experimentais, à medida que ele mesmo, por vezes, foi material para nossas discussões (psis em última instância). Por último e não menos importante, 'narrativas' no sentido de um reconhecimento do caráter ficcional da pesquisa, embutida de uma 'teoria' (GONÇALVES, 1996), ou melhor, de uma epistemologia política (LATOURET, 2004) sobretudo aberta à discussão; e, é claro, 'narrativas' no plural, para remeter à polifonia do texto³. E, ainda num 'enfim', tudo só é possível graças à 'inserção antropológica da pesquisadora', e graças ainda à minha posição notadamente vulnerável no singular processo que denota uma atitude (prescrita ou não) aberta, plástica.

RESULTADO E CONCLUSÕES (a descrição e o sintético)

1) Sobre o híbrido psicologia social. Embora hoje possa ser tomado como 'categoria' em qualquer trabalho, essa não é uma controvérsia inteiramente superada: o trabalho de purificação requer um duplo trabalho de unificação, por isso a disputa (ainda) se faz em relação aos objetos e objetivos da Psicologia Social (ver CONDE, 2005). Curioso é que, se no discurso essa assimetria 'social' e 'psíquico' é mantida, nas práticas encontramos mais do que uma proliferação dos mestiços não mais facilmente alocável num pólo ou noutro.

2) As interferências entre o psi e o social podem acontecer de inúmeras formas: pode ser o social em relação aos fenômenos subjetivos, o subjetivo em relação aos fenômenos sociais ou ainda o social de toda prática psi. Mas não é necessariamente do 'social que explica' (no singular, abafador de controvérsias) que as práticas psíquicas tratam.

3) A performance militante psi é um exemplo: “vai às ruas” e mais que tudo diversifica e convoca novos atores para compor um social em construção. Na prática, como os ecologistas dos quais nos fala Latour (2004), efetivamente redistribuem a ação, subvertendo métodos e prerrogativas, 'indisciplinados' (Conde (2005), fazem uma política explícita onde o 'social' é um artifício muito mais usado para fazer falar do que para fazer calar, para provocar o debate, muito mais do que para encerrá-lo. Nesse sentido, é mais um actante na rede: não preterível.

4) Fazendo uma meia-volta, poderíamos, como nativos, devolver a pergunta: mas que *sentido* tem efetivamente essa análise das implicações (ou das entranhas) explícita? Ao truismo de Castel “a psicologia [quase-ciência] psicologiza”, acrescentaria “(a psicologia quase-prática⁴) subjetiva, singulariza... para muito além do 'psicológico', porque promove misturas novas, porque, por princípio multiplica os vínculos de risco, perturba o ordenamento das classes, porque duvida sobretudo de si mesma e (a si resiste!) e é quando exhibe esses híbridos de tantos-caracteres-quanto-se-possa-enumerar⁵ é assim que essa ciência mestiça, do interstício – mais do que essencial: politicamente mutante – inova.

1 Com as propriedades de um corpo múltiplo, como ciência, interesse, curso de graduação, grupo de pesquisa.

2: no sentido em que não se trata apenas da maneira pela qual a psicologia “vincula, envolve (*enact*) os objetos que lhe concernem”, mas também de como 'ela e seus objetos', em corpos, respondem a esse nosso intento.

3 Aos diversos momentos ora experimento, ora ensaio, ora descrição, ora digressão filosófica, ora explicação não-reducionista, ora militância (todos não mutuamente excludentes, sem respeito à lei da não-contradição)

4 Falo em quase-prática e quase-ciência porque já efetuei um leve deslocamento do “referencial teórico” da antropologia simétrica, mas que quisera ser bastante compatível ainda com ele, quer funcionar como um 'objeto' que recalcula e devolve a pergunta ao pesquisador.

5 Infinito-psico-ético-bio-sócio-conceito-político-teórico-afetivo-prático-epistêmico-processual-micro-subjetivo-macro-concreto-estético-não-hifenado-finito. De uma perspectiva, busca materiais de expressão os mais diversos para compor sua cartografia; de outra, busca – ou vivencia reflexivamente – o outro [experiências de descentramento] ou ainda se articula de diversas formas com outros saberes, ciências, culturas, epistemologias políticas, etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (materiais dos experimentos)

- CONDE, H. B. (2005) “A Psicologia como especialidade: paradoxos do mundo psi”. *Revista Psicologia & Sociedade*. Vol. 17 nº 1 jan/abr, São Paulo: ABRAPSO.
- ROLNIK, S. (1989). *Cartografia sentimental*. São Paulo : Editora Estação Liberdade.
- LATOUR, B. (2004) *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru : EDUSC.
- GONÇALVES, J. R.(1996) “A obsessão pela cultura”, *Cultura, substantivo plural*, Rio de Janeiro/São Paulo : Centro Cultural Banco do Brasil/34, pp. 159-83.
- ARENDT, R. J. J, (2007) “Emoções e Cultura”. *Diálogos em Psicologia Social*. Porto Alegre : ABRAPSO SUL, pp. 275-85.
- CAMPOS,A.; CAMPOS, H.; PIGNATARI, D. (1965) *Teoria da poesia concreta* . São Paulo: Edição Invenção.
- MOL. A (2002). *The Body Multiple: Ontology in Medical Practice*. Durham and London : Duke University Press.